

Apresentação

A *Revista Nós – Cultura, Estética e Linguagens* está de mudança. Não de valores ou perspectiva editorial e crítica, mas de endereço. Endereço eletrônico para ser mais exato. A partir deste número, o segundo do volume 3, estamos agora inseridos no sistema de periódicos acadêmicos da Universidade Estadual de Goiás (UEG). Nada se perdeu. Todos os números anteriores estão preservados dentro do site.

Como sempre, *Revista Nós – Cultura, Estética e Linguagens* apresenta-se como um *locus* de discussão de temas de relevância acadêmica e cultural. Nesse aspecto, a revista aproveita-se da hospitalidade do Cerrado como um lugar de encontros e trocas culturais por excelência, buscando propiciar o convívio entre os diferentes, promover o diálogo entre contraditórios.

Fruto da iniciativa conjunta e interinstitucional de dois grupos de pesquisa ligados ao CNPq, SECEC - Saberes, Expressões Culturais e Estéticas do Cerrado, composto por professores da Universidade Estadual de Goiás, e GEHIM – Grupo de Estudos de História e Imagem, administrado por docentes da Universidade Federal de Goiás, a *Revista Nós* objetiva promover o encontro interdisciplinar entre pesquisadores de diversas áreas que desenvolvem estudos sobre os temas “cultura”, “estética” e “linguagens”. Uma salutar aproximação epistemológica entre literatura, história, geografia, arquitetura e urbanismo, artes plásticas, expressões artísticas populares e eruditas, *pop* e de vanguarda. O escopo é, potencialmente, infinito.

O título da revista, NÓS, evoca justamente essa parceria focada na interdisciplinaridade e na multiplicidade de saberes. O sentido de NÓS é tanto estrito quanto simbólico: NÓS do cerrado, NÓS no cerrado, NÓS que nos encontramos no cerrado. O título também explora a polissemia do termo NÓS na língua portuguesa, evocando o pronome pessoal da primeira pessoa do plural, bem como o substantivo que nomeia o “ato de amarrar uma corda”. Os dois sentidos expressam metaforicamente a proposta da revista: a construção plural e a união de saberes. Os diferentes NÓS formam diferentes redes: redes

de saberes, redes interpretativas, redes metodológicas, redes conceituais, redes institucionais.

Um conjunto de individualidades forma o coletivo. E a construção coletiva sempre foi a razão de ser das revistas acadêmicas, sendo isso ainda mais verdadeiro no ambiente digital, marcado pela inteligência colaborativa. Essa individualidade criadora e reflexiva, que é sempre importante defender, é fruto de influências e diálogos, ainda que conflituosos. Um artigo acadêmico é sempre uma construção coletiva, ainda que redigido por um único autor. Em sua confecção, tal autor certamente valeu-se de uma extensa rede colaborativa, formada pela bibliografia, pelos professores, pelo orientador e orientandos, por colegas e amigos e, mesmo, por comentaristas eventuais encontrados em eventos. Pode ter subido nos ombros de gigantes para ver mais longe, como sugeriu Isaac Newton; ou para lhe dar pretensiosos cascudos. Por que não? Humildade científica não precisa excluir o arrojo, desde que se saiba o que se está fazendo, e seja respeitoso. O fato é que quando ocorre a publicação, o artigo incorpora as recomendações dos editores, revisores e pareceristas. Nesse sentido, o artigo, bem como a revista, poderiam facilmente utilizar o lema do Ubuntu: “sou quem sou porque somos todos nós”.

A palavra NÓS possui ainda outro significado na língua portuguesa: plural da unidade de medida náutica, utilizada para medir a velocidade das embarcações. Metaforicamente, o termo serve para indicar a aceleração das mudanças contemporâneas. Walter Benjamin, na parte introdutória do seu ensaio “O Narrador”, caracteriza a modernidade como uma época em que nada permanece inalterado, exceto as nuvens. Infelizmente, nem as nuvens estão a salvo do turbilhão de mudanças que atinge a sociedade atual. O mundo está acelerado e esta revista, para manter-se à altura das mudanças, requer uma nova configuração. Nessa perspectiva, ela pretende ser mais dinâmica e mais interligada às redes sociais e, portanto, mais interativa. Como as palavras-chave do título indicam, o estudo da cultura não pode ser desvinculado da linguagem e da estética.

A cada volume, a *Revista Nós – Cultura, Estética e Linguagens* homenageia um artista, ilustrando com suas obras a capa e os intervalos entre os textos e as entrevistas. Fechando a edição teremos um ensaio crítico sobre sua vida e obra. Nesta edição a homenageada é a artista plástica Goiandira do Couto, apresentada pela professora doutora

Raquel Miranda, da UEG, uma especialista que pesquisou com profundidade sua vida e obra. A curadoria das imagens da edição também foi feita pela professora Raquel.

A entrevista da edição foi feita com o jornalista, professor e pesquisador Adérito Schneider, enfocando o lançamento da coletânea de contos noir *Cidade Sombria*, organizada por ele. Um trabalho de bastante fôlego e importância no cenário cultural brasileiro.

Os artigos, como sempre, enfocam os temas mais variados. Abrimos com “A fragilidade da preservação em Anápolis”, das arquitetas e pesquisadoras Milena d’Ayala Valva e Ana Caroline Caixeta Silva. De um debate sobre urbanismo partimos para um artigo que foca urbanização sob um ponto de vista cultural, “Tradições da congada e processos de urbanização: a festa em louvor a nossa senhora do rosário e são benedito da vila João Vaz”, escrito por Cleber de Sousa Carvalho. Também enfocando questões ligadas à cultura popular são os artigos “Historiografia de ‘olhos d’água’ em Alexânia (GO) e sua relação com a Feira do Troca como elemento de afirmação cultural comunitária”, de Edilene Américo Silva e Fernando Luiz Araújo Sobrinho, “Trabalhar e cantar: mutirões festivos em Pirenópolis”, de Maria Cristina Campos Ribeiro e Maria Idelma Vieira D’Abadia, e “Romaria do vão do moleque como tradição identitária na comunidade kalunga em Cavalcante-GO”, de Regilene Batista de Sena, Dr. Antonivaldo de Jesus e Eudemir de Melo Silva.

Partindo para debates acerca da produção audiovisual, em seus mais diferentes aspectos, estão os artigos “Reenquadrando o Anhanguera: uma historieta”, de Lígia Maria de Carvalho, “Representação da cidade nos filmes de Woody Allen”, de Roberta do Carmo Ribeiro, “A expedição Roosevelt-Rondon e o caso do filme *“The River of Doubt”* (1928), escrito pela dupla de pesquisadores Alexandre Pacheco e Robson Mendonça Pereira. Seque dois artigos que dialogam diretamente entre si. “‘Xe rohenói eju orendive aldeia unida, mostra a cara’: língua(gem), identidade e resistência no cerrado através de recursos audiovisuais”, de Rodrigo Mesquita, e “A linguagem audiovisual do brô mc’s: uma proposta de uso didático na perspectiva intercultural”, do trio Wesley Domingos Francisco de Souza, Maria Aparecida de Matos e Orimar Souza Santana Sobrinho.

Os artigos da edição se completam com mais três interessantes colaborações. “O museu antropológico da ufg e a democratização do acesso ao conhecimento” de Ivanilda A. A. Junqueira, “carregadeiras de água: gênero, patrimônio e trajetórias no tempo”, de Clovis

Carvalho Britto e Paulo Brito do Prado, e “Como abordar o selfie a partir de uma visão crítica reflexiva tendo como base o ensino de arte?”, de Pâmella Nunes de Otanásio e Terezinha Maria Losada Moreira.

A edição conta ainda com o original discurso de formatura intitulado “Os banheiros da FAU-UnB fedem...” proferido pelo professor doutor Ricardo Trevisan da UnB. Vale muito a pena ler essa aula de ironia inteligente.

Contamos com duas resenhas. A primeira é do livro *Homens imprudentemente poéticos*, de Walter Hugo Mãe, realizada por Ana Cecília da Silva Marques e Marcelo de Mello. Seguida por um instigante texto sobre *Desconstruindo Sofia*, escritor por Edergênio S. Vieira. Esperamos que apreciem os textos. E a casa nova.

Ela está sempre aberta para vocês, para Nós.

Prof. Dr. Ademir Luiz da Silva (UEG)

Prof. Dr. Eliézer Cardoso de Oliveira (UEG)

Prof. Dr. Ewerton de Freitas Ignácio (UEG)

Prof^a Dr^a Heloisa Capel (UFG)

(Editores)

